

CB (Cidades)  
12/5/98  
38

## Batalhão Florestal detém quatro homens em fornos de carvoarias clandestinas no Guará

Fotos: Jefferson Rudy



No forno instalado no meio do matagal da QE 44 do Guará os policiais encontraram eucaliptos e árvores nativas do cerrado prontas para virar carvão: crime ambiental é praticado há cinco anos

# INIMIGOS DO VERDE

Cristina Ávila  
Da equipe do **Correio**

**C**arvoeiros se escondem nos arredores de Brasília e passam despercebidos. Conseguem vender carvão irregularmente em mercadinhos nas cidades do Distrito Federal e até na beira de estradas. Na manhã de ontem, porém, o Batalhão Florestal da Polícia Militar flagrou comerciantes clandestinos. Encontrou fornos nos fundos da QE 44, no Guará. Quatro homens foram detidos.

No local existem árvores nativas do cerrado e eucaliptos com mais de 30 metros de altura. Algumas estão derrubadas, outras estão quase mortas, com os troncos queimados. Moradores das quadras próximas suspeitam que os carvoeiros ateiam fogo no pé das árvores grandes para facilitar a derrubada. "Nesta aqui ficaram os arames dos pneus usados por eles para fazer as fogueiras", disse um deles, que não quis se identificar.

A polícia florestal recebeu a denúncia de que existem quatro fornos no local. No início da tarde já havia encontrado dois. Segundo moradores, os carvoeiros trabalham na área desde 1993. "Semanalmente produzem 700 pacotes de carvão, com três quilos e meio cada. Umam dezoito pessoas trabalham aí. Recebem R\$ 0,60 por saco. Tem gente que consegue produzir até 300 por semana. Ganham bem", afirma um vizinho de uma carvoaria.

Osmar dos Santos, 28 anos, que também reside próximo ao local, confirma que a carvoaria está em



Detido na carvoaria, Silas diz que tem licença para comprar carvão

atividade há quase cinco anos. Mas afirma que as árvores não são queimadas pelas pessoas que trabalham nos fornos. "Quem bota fogo são os piratas que roubam cascalho. Derrubam as árvores para ter mais espaço para cavar."

Um dos homens detidos pela polícia florestal, Silas da Costa Vale, 45 anos, assumiu a responsabilidade pela compra do carvão produzido atrás da QE 44. Ele afirma que tem licença do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para o trabalho, e informa até o número — 2/53/85/003/DF. Mas não mostra o documento. "Vou apresentá-lo à polícia quando me exigirem."

Silas diz que comprava carvão de Jadir Pereira de Freitas, 27 anos, que teria construído um dos fornos, que também foi detido. A polícia levou para a 4ª DP Sebastião Pinto Ribeiro, 26 anos, e Edilson Souza de Jesus, 21 anos. Os dois acompanhavam Silas.

### MADEIRA NOVA

Segundo o tenente Aristóteles Rodrigues Cardoso, responsável pelo flagrante, na manhã de domingo um morador da QE 44 ligou para o Batalhão Florestal fazendo a denúncia. No mesmo dia, por volta das 18h, os policiais planejaram uma

campanha para flagrar a comercialização. Foram para o local às 5h de ontem.

Às 8h30, Jadir apareceu no local do forno para trabalhar. Por volta das 8h40, Silas chegou em uma Kombi com outras duas pessoas. Trazia cerca de cem sacos para buscar o carvão", relata o tenente.

Ao lado dos fornos, a polícia encontrou vários troncos de árvores ainda úmidos. "A umidade é porque foi recém-cortada", avalia o soldado Júlio César. O tenente Aristóteles diz que não há levantamentos sobre a existência de outros fornos no Distrito Federal. "Temos pouco efetivo, nossa fiscalização fica restrita às áreas de preservação", justifica.

Moradores do local, que preferem não se identificar com medo de represálias, afirmam que os carvoeiros ateiam fogo em pneus velhos nos pés das árvores grandes para facilitar a derrubada. Depois, os troncos são cortados com motosserras e levados em pedaços para os fornos, que medem cerca de três metros de diâmetro por três de altura.

## Esquema tem mais envolvidos

A delegada titular da 4ª Delegacia de Polícia, do Guará, Maria Aparecida Puppim, acredita que as árvores foram cortadas para a carvoaria. "Os carvoeiros estão destruindo árvores em algum lugar, somente não sabemos onde." Segundo ela, o comércio irregular foi comprovado, mas ainda não há provas de crime ambiental.

Maria Aparecida acredita que existam outras pessoas no comércio do carvão nos fundos da QE 44. Em sua opinião, Silas Costa não tem estrutura para a manutenção dos fornos. Ela afirma que a polícia vai investigar.

O Instituto de Ecologia e Meio Ambiente frequentemente recebe denúncias sobre a produção de carvão. "As denúncias são muitas, mas geralmente o carvão é queimado em um buraco no chão, é difícil flagrar", afirma o gerente de Indústria e Serviços do Iema, Antônio Adriano Bandeira Chaves.